

Reminiscências

Artigo por Farida Fahmy, Out 2016

Muitas vezes ao longo de minha carreira, me perguntaram: “Quando foi a primeira que você soube que queria ser a dançarina?” Eu sempre respondia: “Desde que eu era muito jovem” e não entrava em muitos detalhes.

Normalmente, com o passar do tempo, amadurecemos e ficamos mais atraídos pela busca de nossas memórias. Recentemente, eu tenho pensado sobre essa questão e, aos poucos, fui trazendo essas memórias da minha primeira infância. O que me levou a trilhar este caminho das memórias foi quando eu sentei por horas mexendo em uma quantidade grande de fotografias antigas. Eu organizei as da minha família, aquelas que se referiam à época da Trupe do Reda e as demais de tempos posteriores à Trupe. Isso levou com que a minha mente recordasse muitas memórias. Algumas muito vivas e outras um pouco vagas.



Olhando para fotografias bem antigas de minha primeira infância, eu me lembrei de como a minha mãe sempre me dizia “acalme-se”, “sente-se” ou “pare de andar de um lado para o outro”. A minha irmã que era seis anos mais velha do que eu, muitas vezes, negava-se a dividir a cama comigo porque reclamava que eu chutava a noite toda. Verdade! Eu frequentemente acordava com a cabeça no lado contrário da cama.



Nesses dias tenho conversado com uma prima que é um ano mais velha do que eu. Nós crescemos muito próximas. Ela me lembrou de tanta coisa. Com certeza foram bons tempos por aqui, e eu estou surpresa com a quantidade de detalhes que ela guardou em sua memória. Muito daquela época veio à tona para mim. Eu, de fato, tive uma infância maravilhosa. Sou muito grata aos meus pais. Eu me recordei do tempo em que tinha cinco ou seis anos, quando ficava em cima dos pés da minha mãe e abraçava a sua cintura enquanto ela dançava *Fox Trot* ou Valsa. Do mesmo jeito, eu me lembro da minha avó, por parte de pai, sentada com as pernas cruzadas em sua cama e as empregadas cantando e tocando o ritmo na mesa ou numa panela enquanto eu dançava “*balladi*”. Eu consigo até mesmo me lembrar claramente das músicas que elas cantavam.

Eu também me lembro da minha mãe costurando uma *gallagiyah Fallahi* (vestimenta que as camponesas usavam). Era amarela e tinha um laço de veludo preto costurado na gola.

Eu também tinha uma *Mandeel* (um lenço de cabeça) e *Tarhah* (um véu de cabeça) que eu vestia quando eu dançava em reuniões sociais, festas e nas férias de verão.

Eu tenho duas fotos preciosas.



Em uma noite, por volta da mesma época, estava andando com a minha mãe e ela estava brava por alguma razão. Então, eu disse para ela não ficar triste porque quando eu crescesse eu me tornaria numa grande estrela e iria comprar um Cadillac para ela. A razão pela qual eu me lembro claramente o que aconteceu foi porque depois do meu sucesso como a primeira bailarina da Trupe do Reda, ela brincou comigo dizendo: “Bom, agora que você se tornou uma grande estrela, onde está o meu Cadillac?” Eu respondi: “Não há Cadillacs no Egito, e mesmo que existisse, eu não teria dinheiro para comprá-lo”.

O que me fez saber e acreditar profundamente o que eu me tornaria? Foi intuição, um instinto inato uma percepção subconsciente?

Eu não sei.

Muitos irão dizer no mundo todo que há inúmeras pessoas que têm ou tiveram os seus desejos de criança para dançar realizados. Isso porque a dança era e ainda permanece admirada e respeitada na maior parte do mundo. Houve e ainda há muitas oportunidades e lugares nos quais os/as dançarinos/as podem prosseguir com as suas carreiras. O que não era o meu caso quando criança. Eu era completamente alheia ao fato de que os egípcios, como um todo, viam a dança como uma atividade inevitável e tratavam as dançarinas com desdém.



Os aristocratas egípcios e os intelectuais de classe alta apenas permitiam que as suas filhas cursassem as escolas de dança de “estilo ocidental” para amadores. No recital de

final de ano, somente os familiares e amigos participavam do evento. Menciono a seguir uma citação de minha tese que esclarece como um egípcio, da elite, escolarizado enxergava a dança em geral. O Sr. Musharrafa na sua Pesquisa Cultural do Egito Moderno escreveu em 1947:

“Como uma atividade escolar, [a dança] é principalmente ocidental; como um ‘suingue’ de exibicionismo, é um produto industrial; como um cabaret franco-árabe, pertence ao mercado do turismo; e como uma vulgaridade nativa, é uma atividade neurótica... o Ballet foi recentemente implementado nas escolas para garotas da elite.”

Durante a época da minha adolescência, eu frequentei várias escolas de dança. Eu aprendi os fundamentos do ballet clássico, sapateado, etc. Eu, de fato, me divertia e me movimentava muito bem, mas não estava confortável e sempre sentia que aquele não era o jeito de como eu queria dançar. Alguma coisa estava faltando, mas eu não sabia o que era naquele tempo. Apenas agora, enquanto eu estou escrevendo essas linhas, eu me lembrei de um incidente. Eu devia ter por volta dos quatorze ou quinze anos. Foi durante uma dança pseudo-espanhola com um parceiro em uma dessas muitas performances amadoras que aconteciam no clube esporte onde eramos sócios. Eu me senti tão ridícula que comecei a rir e tive um ataque de risos que eu não conseguia parar. Não preciso dizer que eu arruinei com a dança.



Foi durante nesses anos no mesmo clube que eu conheci os irmãos Reda. Lá, o Mahmoud e a minha irmã, Nadeeda, se apaixonaram e se casaram, e três anos depois, eu me despossei com Ali Reda. Durante essa época, nós descobrimos que todos nós compartilhávamos um amor pela dança e tínhamos as mesmas ambições e aspirações artísticas. Eu sabia

instintivamente que Mahmoud Reda, sem dúvida alguma, era o único que poderia me fazer dançar do jeito que eu sempre desejei.

Eu me lembro muito das longas horas que passamos antes de 6 de agosto de 1959 – a data da noite de estreia da Trupe do Reda. Nós – tanto a família Reda quanto a família Fahmy – passamos intermináveis horas conversando sobre a arte e a cultura egípcia, bem como as convenções sociais e as tradições do nosso povo. Mahmoud Reda, graduado na Faculdade de Comércio, e Ali Reda, que estava muito integrado ao *show business*, além do conhecimento e experiência do meu pai, tudo isso proporcionou um entendimento do que era necessário para criar uma trupe de dança teatral tanto da esfera artística quanto do ponto de vista da logística. Obviamente, tudo o que eu fiz, na época eu tinha

dezoito anos, foi ouvir e aceitar tudo. Durante o tempo todo, me sentia muito motivada e eufórica. Sobretudo, protegida e segura por estar rodeada por essas pessoas maravilhosas.

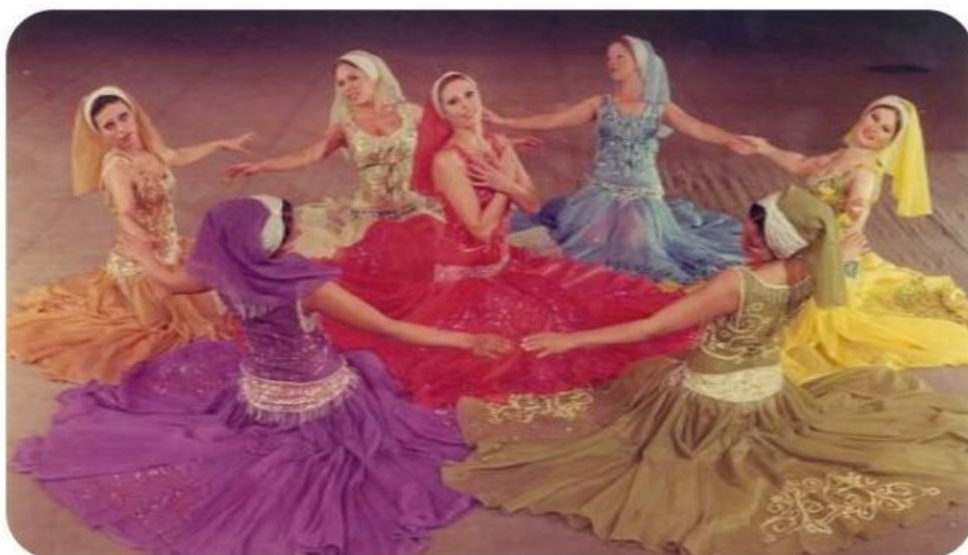


Hoje em dia, eu fico um pouco apreensiva quando me pergunto: o que teria sido se nós não tivéssemos conhecido os irmãos Reda? O que teria sido se o meu pai não fosse um homem tão forte, corajoso e com uma cabeça excepcionalmente aberta? E os outros tantos “e se”? Não teria existido a Trupe do Reda como nós conhecemos e eu não teria dançado. Eu sou tão grata que o meu sonho foi realizado. Atualmente, onde quer que as pessoas me encontrem, eu sou recebida com tanto amor e carinho que preenche

o meu coração. Eu sei que eu e a Trupe do Reda permanecemos na memória dos egípcios.

Finalmente, eu gostaria muito de saber de qualquer um que quisesse compartilhar comigo qual foi o gatilho que levou ao interesse e à vontade de aprender e performar a dança egípcia. Levando em consideração que, em qualquer lugar que você esteja no mundo, há uma variedade infinita de gêneros de dança disponíveis para todos.

Farida Fahmy



Design/web: Keti Sharif

www.ketisharif.com

Tradução: Fernanda Gomes - Escola Gateway English School

www.gateways.com.br